

Sessão Solene de Entrega do Prémio de História Contemporânea – 1996 Apresentação do Prof. Doutor Fernando Rosas Hélio Osvaldo Alves

Convirá começar esta apresentação do Professor Fernando Rosas por uma pequena opinião sobre si próprio e sobre o seu trabalho:

Eu tenho uma visão do mundo da qual não abduco. Olho para o meu objecto, que são os factos históricos, através dos pressupostos, dos paradigmas que constituem a minha forma de ver o mundo, mas faço essa aplicação através da mediação de uma metodologia que procuro que seja o mais séria, o mais rigorosa possível.

Entrevista a *Grande Reportagem*, Novembro de 1996.

Mesmo sendo este um retrato parcial, sem dúvida, que o Professor Fernando Rosas fez de si mesmo, ainda recentemente, já nos vai dando indicações, todavia, de que uma visão do mundo assim construída não se pode coadunar com posições cinzentas de mediana responsabilidade própria, nem, à mesma escala, de atenuante responsabilização alheia.

Estudioso do nosso tempo, com uma vivência dele que raros têm tido, o Professor Fernando Rosas preocupa-se profundamente, entre outros

fenómenos sociais, com o surto de individualismo feroz que, presentemente, atravessa todos os sectores da nossa sociedade, desarticuladamente, delapidando valores sociais à direita e à esquerda, deixando endeusado, no seu pedestal de novo bezerro de ouro, aquilo a que Oliveira Martins já chamou, há pouco mais de cem anos, a *dinheirização*:

O valor da vida, os direitos humanos, tudo o que há de mais sagrado em termos de cultura ocidental actual, tudo o que são as grandes aquisições humanistas da nossa contemporaneidade, pode ser calmamente posto em causa para ganhar dinheiro.

Idem, *ibid.*

Poderá ser esta afirmação mais um texto característico de um certo sentido de apocalipse de fim-de-século, que se vem repetindo ciclicamente? Penso que não. Este “processo diabólico que nos está a conduzir para não sei o quê”, olha-nos, cara a cara, cinicamente, todos os dias e, embora não o queira, exige uma intervenção empenhada dos cidadãos que salve “esta pastosa normalidade democrática em que vivemos”, e que a faça ter um sentido mais profundo, não só político, como económico e social.



Falar do Prof. Fernando Rosas é falar de tudo isto e de muito mais, mas sem limite de tempo. Mas também é falar de uma vasta obra já editada, tendo como tema o Estado Novo, e que, ainda recentemente, foi enriquecida com a publicação do primeiro volume do Dicionário de História do Estado Novo, cuja edição coordena.

Que me perdoem todos, e principalmente o Prof. Fernando Rosas, o que fica por dizer, que é muito, e o tempo que lhes roubei. Mas não quero, nem posso, acabar, sem deixar dita uma palavra de ténue esperança, vazia de todo e qualquer egoísmo, baseada também na análise que o Prof. Fernando Rosas já fez de si mesmo – que o seu confessado pessimismo conjuntural tenha uma vida muito mais efémera do que o seu optimismo histórico.